

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Simone Rodrigues Cordeiro

UM NOVO OLHAR AMBIENTAL

Congonhas

2012

Simone Rodrigues Cordeiro

UM NOVO OLHAR AMBIENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial , pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Mônica Meyer

Congonhas

2012

Simone Rodrigues Cordeiro

UM NOVO OLHAR AMBIENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Mônica Meyer

Aprovado em 26 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

Este projeto de educação ambiental buscou descobrir quais são as relações que as crianças estabelecem com o bairro onde moram e a cidade em que vivem. A pesquisa foi realizada com alunos da Escola Municipal José Cardoso Osório, localizada em Congonhas-MG. A cidade se sobressai pela importância religiosa e extração mineral. A metodologia priorizou o mapeamento ambiental construído especificamente a partir de relatos dos alunos de lugares que gostam de brincar e se divertir. Os dados mostraram que as brincadeiras se restringem à casa e à escola, e que os alunos têm pouca vivência nos espaços da cidade. Em função desta constatação escolhemos fazer várias visitas pela cidade, para despertar o gosto pela natureza, por lugares bonitos de Congonhas e que eles pudessem conhecer e refletir sobre as transformações ocorridas no bairro e no município. Desta forma, contribuímos para despertar sentimentos, cuidado e um novo olhar ambiental.

Palavras-chave: Educação ambiental - Congonhas – relação com os lugares – sentimentos - olhar ambiental.

SUMÁRIO

1. MEMORIAL.....	6
2. PROJETO DE PESQUISA	11
2.1 Apresentação.....	12
2.2 Objetivos.....	14
2.3 Justificativa	15
2.4 Descrição da metodologia	17
3. PRODUTO PEDAGÓGICO.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5.REFERÊNCIAS	31

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”
Jacques Le Goff

1.MEMORIAL

Desde que recebi a tarefa de escrever este memorial tenho pensado e repensado na relação que estabeleço com a cidade em que vivo. Nasci em Belo Horizonte (BH) e vivi lá até os sete anos de idade, quando na oportunidade, minha mãe decidiu se mudar para Congonhas devido a morte de meu pai. Acho importante o relato dessa parte histórica de minha vida por esclarecer meus contatos e impressões na cidade de Congonhas.

Então vamos lá relembrar BH. Minha casa ficava localizada no bairro Santa Efigênia, na Rua Cardoso, bairro central, com avenidas movimentadas, praças, muitos pontos de comércio e violência. Assim vivi minha primeira infância presa em uma casa cercada por muros altos, janelas com grades e cadeados. Vivia brincando em casa, mas respirando e cheirando um ar de capital.

Minha mãe tinha verdadeiro horror de BH e grande amor pela tranquilidade de Congonhas. Com a morte de meu pai, resolveu comprar a casa da família e mudar para Congonhas. Então, saí da metrópole para morar em uma cidadezinha montanhosa, empoeirada, de gente tranquila e estranha. Confesso que não gostei quando cheguei aqui. A casa era muito simples, de telhado colonial, janelas de madeira e estava completamente abandonada. Em nada se parecia com minha casa anterior. A cozinha era muito escura, de piso com várias rachaduras e fogão a lenha. O banheiro ficava externo á casa, no terreiro de terra batida. A porta de entrada dava para o passeio da rua, sem grade, muro e privacidade.

A rua, localizada no bairro Basílica, não tinha calçamento, iluminação adequada e todas as casas eram muito parecidas. Mas tinha uma praça, a Praça Bandeirante, linda, com uma fonte luminosa azul, árvores altas e frondosas. Nos cantos vários banquinhos para acomodar os moradores que quisessem gastar o tempo tranquilo e suave por lá.

E foi ao ver e desfrutar dessa praça que comecei a sentir a cidade. Brincar de pique-pegas naquelas árvores fazendo molecagem e nos escondendo, porque tinha sempre um adulto a observar. Sentar no banco com uma turma para brincar de pêra, uva ou maçã, brincar de pique-altinho ao redor dos bancos ou simplesmente colocar a mão nas águas da fonte luminosa era o que mais fazíamos por lá.

E as amigadas? Quantas fiz no ano de minha mudança! Comecei com as primas da família de minha mãe e depois acrescentei mais algumas ao estudar na escola que hoje trabalho.

Durante todos esses anos observei muitas mudanças no bairro. Mudanças em apenas um pedacinho de Congonhas, mas que representam, significativamente, o desenvolvimento da cidade.

Congonhas era muito pequena, uma zona rural, com muita poeira (mas poeira com cheiro de mato), lugar seguro para criar filhos. As crianças, idosos, homens e mulheres conviviam nas calçadas das casas e na praça fazendo o burburinho do lugar.

Um lugar mágico, assombrado e misterioso. Em cada casa, janelas de madeiras com vidros pequenos escondiam o que tinha dentro, e olhares camuflados vigiavam as pessoas lá fora. Quantas vezes sentávamos à beira da rua e enquanto riscávamos o chão com um gravetinho, ouvíamos as histórias de assombração de dona Zélia, benzedeira famosa do bairro, que contava “causos” com tanto brilho no olhar, com tanta veracidade, que até hoje sinto o medinho e o frio na barriga ao ter que passar pelo corredor escuro até chegar em casa após uma sessão de histórias.

Como me esquecer de contar sobre a horta da dona Zélia!?!...Que beleza de lugar, parecia um sítio, com pomares, galinheiros, insetos e até parquinho. Terreno íngreme que me fazia chorar por não suportar acompanhar os mais velhos da turma em correria e agitação.

Lá pelo bairro havia o morro da “Cocota”, rua de acesso ao Alto do Cruzeiro, próximo à minha casa, com campinho, árvores e poucas casas. Neste campinho tinha poeira levantada o tempo todo, porque nele passávamos o dia correndo. No Alto do Cruzeiro, ficava uma cruz e a caixa d’água do bairro, enormes, onde algumas crianças subiam e tinham uma panorâmica da cidade. A visão era de uma paisagem pouco disciplinada onde podíamos ver a parte baixa da cidade - “o vale” - e ao redor as montanhas limitando o olhar do horizonte.

Mas, enfim, essa relação tão íntima com as ruas do bairro mudou. A rua, onde até hoje está a casa de minha mãe, virou avenida, asfaltada, comprida... Nela não se vê mais fonte luminosa, nem praça, muito menos bancos e árvores. Não sei nem o nome correto do que tem no lugar da praça, talvez possa ser chamado de cruzamento. Temos no lugar da praça, passeios largos de ambos os lados, com açougue, padarias, bares (muitos), estacionamentos uma avenida com convergência à esquerda e à direita e no meio disso tudo um nada. O patrimônio deste bairro não existe mais, restou apenas o nome: “Praça Bandeirante”.

O campinho virou uma quadra de esportes, sem acesso a caixa d’água, sem visão panorâmica, mas ainda com a poeira. Poeira do minério, agora mais intensa e sufocante.

A horta da dona Zélia virou praticamente um condomínio e até uma rua foi aberta. Lá está um bar muito famoso da cidade “O bar do Zé Roia”.

Hoje quando me lembro disso tudo penso que meus filhos, apesar de serem criados nessa mesma rua, neste mesmo bairro, não podem ter contato com a comunidade e com a natureza da forma tão intensa como tive. O ambiente deles, hoje, assemelha-se ao lugar onde vivi na infância, em Belo Horizonte. E são transformações que acontecem sem reflexão, sem envolvimento da comunidade e até mesmo sem a percepção de todos!

O relacionamento próximo e íntimo que eu mantinha com o bairro tornou-se apenas um caminhar duro e frio. Todas as vezes que olho ou caminho pela rua da horta da dona Zélia, ou preciso ir ao campinho, que agora é quadra, ou, ainda, cruzo a praça, surpreendo-me com a rapidez das mudanças, com a falta de intimidade, comodismo e envolvimento dos moradores com esses lugares.

Durante boa parte de minha infância estudei na Escola Municipal “José Cardoso Osório”, a mesma que trabalho atualmente, uma das escolas mais antigas do bairro e da cidade.

Continuei meus estudos e, por destino, fiz o curso de Pedagogia na Universidade Federal de São João Del-Rei terminando em 2004. Só tenho a agradecer pela oportunidade que me foi dada de trabalhar com alunos de 8 a 11 anos, no meu bairro. Concluí dois cursos de especialização, e em todos procurei pensar e desenvolver temas voltados para a realidade da escola como a pesquisa, metodologias para o processo ensino-aprendizagem de 1º ao 5º ano e um projeto

para desenvolver a auto-estima dos alunos carentes e com baixo rendimento da escola.

Minha primeira especialização, em Gestão Escolar pelo IESDE (Inteligência Educacional e Sistema de Ensino) em parceria com a Universidade Castelo Branco, realizei monografia sobre a indisciplina na escola analisando os fatores que interferem no comportamento e levantando alternativas para a construção de uma disciplina consciente e interativa nas escolas.

Conclui uma segunda especialização pelo CEPENMG (Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais), em 2008, e desenvolvi pequenos projetos em torno de novas metodologias para o ensino de Português nas séries iniciais. Todos esses trabalhos direcionados para a Escola Municipal “José Cardoso Osório” onde estudei e trabalho atualmente.

Após iniciar esse terceiro curso de especialização em educação ambiental e patrimonial senti a necessidade de promover com os alunos atividades que possam proporcionar um relacionamento mais íntimo, mais atuante, mais tocante com o bairro, com a cidade e com o ambiente em que estamos inseridos. Atuando como professora da educação infantil nas séries iniciais vejo a necessidade de despertar a comunidade para uma nova forma de enxergar e de se entrelaçar com a natureza do lugar onde moramos , abraçando o ambiente e encarando de frente, sem medo e sem covardia os problemas e os efeitos negativos e positivos que todas as mudanças e progressos trazem ao bairro e à cidade.

Ao resgatar minha memória do bairro constatei a necessidade de promover junto aos alunos a partilha de vivências e experiências entre gerações, as transformações e permanências do lugar e até dos conflitos que possam favorecer a construção da identidade deste bairro.

É nesse sentido que a proposta de fazer essa pós-graduação surgiu com o meio de estimular os alunos a fazerem leituras do bairro e da cidade de forma diferente. Espero que eles, ao resgatarem suas experiências e de seus pais, possam conhecer, se envolver, valorizar o lugar onde vivem e buscar um novo olhar para tomar atitude.

De acordo com Meyer (2011) para discutir a preservação é preciso conhecer o lado bonito da natureza... E mais ainda é preciso entender que no lugar onde vivemos está a natureza muito ou pouco modificada e que esta precisa ser vista como patrimônio que une várias gerações, pois cria uma intimidade com o lugar que

moramos, com as pessoas e suas histórias; um vínculo afetivo que nos faz repensar o significado dessas relações.

É por isso que acredito no olhar atento, cuidadoso, crítico do educador com seus alunos sobre as ações humanas que vão transformando a natureza e degradando a qualidade de vida. Assim, outras perspectivas de ação e comprometimento com a cidade podem ser abrir e despertar a consciência, a responsabilidade e o cuidado que devemos ter com o patrimônio natural, histórico e cultural.

2. PROJETO DE PESQUISA

2.1 Apresentação

Congonhas, terra de fé, festa e ferro. Localizada na região central do estado de Minas Gerais, no quadrilátero ferrífero, responsável por 60% da produção brasileira do minério de ferro. Sua população é de aproximadamente 43 000 habitantes distribuídas em uma área de 306,45 km².

A cidade é formada por dois distritos: Alto Maranhão e Lobo Leite. Por ela passa o rio Maranhão, em cujas margens se fundou o arraial, que recebe as águas dos riachos Santo Antônio, Goiabeiras e Soledade. As águas do rio Santo Antônio formam a linda cachoeira de Santo Antônio, localizada no Parque da Cachoeira, cartão postal da cidade.

A cidade possui, ainda, o maior conjunto barroco do mundo, obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, reunidas na Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. No alto do morro, está o adro da igreja com doze profetas esculpidos em pedra-sabão, em tamanho real, e as seis capelas com os passos da Paixão de Cristo, que são visitadas anualmente por milhares de turistas do Brasil e de todo o mundo, especialmente na semana da festa do Jubileu, em setembro, quando os romeiros vem visitar a Igreja, pagar promessas e fazer compras.

A mineração é, atualmente, a principal atividade econômica da cidade com grandes usinas como a Gerdau, Vale, Ferrous, Companhia Siderúrgica Nacional e por isso vem sofrendo intensamente com problemas ambientais decorrentes da extração e beneficiamento do minério de ferro.

A mineração não é uma atividade recente em Congonhas, pois teve seu início com a exploração do ouro no século XVIII. Todavia, após a descoberta do minério de ferro em suas montanhas, nesses últimos anos, vem ocorrendo um aumento significativo de produção. De acordo com o jornal Hoje em Dia postado em 10 de setembro de 2010, nos próximos cinco anos as empresas da região querem investir 25 milhões na retirada do minério de ferro. Tudo isso resulta em um aumento expressivo da riqueza da cidade e dos problemas ambientais. O município vem sofrendo com o aumento populacional flutuante gerado pela oferta de emprego e com os problemas comuns em metrópoles brasileiras como: aumento do lixo (pois

não há coleta seletiva), aumento do fluxo de veículos nas vias que não comportam tantos carros, poluição dos rios, aumento abusivo nos preços dos aluguéis das casas, aumento da violência e doenças . Tudo isso acontecendo numa cidade que tem a 8ª maior arrecadação do estado, mas que não possui políticas públicas adequadas para melhoria da qualidade de vida da população ou fiscalização que possa limitar o uso dos recursos do solo.

A população sofre muito com impactos ambientais derivados da mineração como poeira intensa, aumento do tráfego de caminhões e ônibus nas ruas, poluição de seus lençóis freáticos e do solo e perda da biodiversidade com o descarte inadequado de rejeitos.

A comunidade percebe e sente esses problemas, mas não reage, pois as mudanças acontecem rápidas demais para que as pessoas reflitam e/ou opinem sobre os rumos que o progresso leva a cidade. Assim, elas acomodaram o olhar ao agravamento dos problemas. Os congonhenses vivem em um processo contraditório, pois ao mesmo tempo em que percebem e sofrem com os impactos ambientais oriundos da mineração, também precisam dela como fonte de renda e meio de sobrevivência. Soma-se a isso a falta de conhecimento do sobre o processo minerador, sobre a renda arrecadada pelo município e outras informações que possibilitem uma maior participação da população na elaboração de políticas públicas que definam e organizem as formas de extração do minério.

E está aí o papel da escola, instituição responsável pela formação do cidadão crítico e participativo, que busca desenvolver a capacidade de entendimento do lugar, de compreender a dinâmica do processo econômico, da vida com qualidade e sustentabilidade.

A escola vem abordando o tema de forma pontual, descontextualizado e sem refletir com o rigor que merece o tão sofrido desenvolvimento econômico da região. Ou ainda o processo educativo na questão ambiental privilegia o discurso, abrange temas que não promovem a relação do conhecimento com o lugar onde vive. Assim, não favorece a mudança de atitudes pessoais e coletivas em relação à cidade.

Por isso, essa proposta de trabalho na área ambiental foi pensada para mudar a forma de olhar o lugar; mudar a forma de observar no sentido de redescobrir. Pretende promover uma educação ambiental contextualizada na busca de ler, repensar e refletir sobre as relações que os alunos têm com a cidade onde vivem através do mapeamento ambiental, possibilitando a expansão de sua identidade

com o lugar e de modo a fazê-lo se interessar pelos problemas da cidade e agir localmente.

Este projeto foi desenvolvido na Escola Municipal “José Cardoso Osório” situada na Rua Dom Rodolfo, s/nº-bairro Basílica- Congonhas e oferece ensino regular aos alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental (1º ao 5º). Atende 156 alunos distribuídos em seus dois turnos de atividades: manhã e tarde. Há ainda 60 alunos, que no período da tarde participam do Projeto Tempo Integral. Os alunos do tempo integral estão organizados em 4 turmas, sendo elas de 2º, 3º, 4º e 5º ano.

Em período integral, a escola desenvolve atividades complementares de reforço e oficinas de Artesanato (biscuit, reaproveitamento de materiais e pintura em tela), Tarefa Monitorada, Práticas de Incentivo à Leitura, Inclusão Digital, Linguagem e Vivência, Esporte e Laser, Educação Corporal e Educação Ambiental. Para atender a este público, a escola conta com um quadro de 5 cantineiras, 2 inspetoras de alunos, 1 profissional para o Apoio Pedagógico, diretora e vice-diretora, assim como 20 professoras, PEBI e PEBII. As professoras regentes são responsáveis por todo conteúdo, excetuando-se o de inglês e educação física, que são ministrados por professores PEBII, habilitados no conteúdo. Vale ressaltar, que a escola oferece educação em modalidades diferentes da educação convencional, respeitando os princípios da convivência, buscando fixar bases para que o educando desenvolva princípios ético-morais que o conduzam a uma vida coletiva, autônoma e solidária.

Os alunos entre 9 e 12 anos, atendidos por esse projeto, cursam o 4º ano no período da manhã, são moradores do bairro, com exceção de 2 alunos. São assíduos e gostam de estar na escola. Dos trinta e cinco alunos, dezoito frequentam o horário integral. As famílias são pouco participativas no processo educativo. No ano anterior a oficina de Educação Ambiental desenvolveu um projeto de reciclagem do papel descartado e reativou a horta. Essas atividades foram muito prazerosas para os alunos, mas não tiveram continuidade por falta de estrutura e recursos humanos que pudessem assegurar a manutenção dessas ações. Esse fato evidencia a descontextualização na educação ambiental e a falta de planejamento das questões de preservação trabalhadas dentro do ambiente escolar.

Como a maioria dos alunos nasceu e vive no bairro, e são bons conhecedores do seu espaço de vivência, têm maiores chances de ler e compreender os lugares da cidade. O uso da metodologia de observação, reflexão e a vivência no ambiente,

podem expandir o olhar para além da escola, levando-os, desta forma, a redescobrir o bairro e a cidade, com suas histórias e casos, identificando suas árvores, seus bichos e as pessoas que ali vivem para tentar conviver com as transformações que ocorrem, sabendo utilizar as novas tecnologias, compreendendo e participando da velocidade dos acontecimentos. Além disso, pretende-se estimular o olhar das crianças para as questões ambientais locais, conscientizando-os da importância da preservação do espaço onde vivem, possibilitando que contribuam para melhorar sua própria qualidade de vida.

A concepção de natureza aqui entendida vem de encontro com as ideias de Meyer (2008) no sentido de analisa-la como um conceito amplo, em constante transformação, não se restringindo a bicho e planta, mas incorporando as relações que os seres humanos estabelecem com o ambiente natural, como significam e re-significam seus elementos. Ainda segundo Meyer (2008, p.72) “não existe uma única natureza nem uma natureza natural, intocada; a natureza continuamente vem se construindo pela inserção do elemento humano como parte do mundo natural como produtor da cultura”. É preciso entender que a natureza não pode ser tratada como algo intocável ou apenas como um recurso a ser explorado. A natureza é rica em significados e possui significado intenso em nossas vidas. Ela aglomera um número grande de elementos (animais, minerais, solo, ar, céu, vegetais) e no qual o homem é apenas mais um integrante.

Espera-se que este projeto possibilite aos alunos conhecer e redescobrir o bairro e a cidade, sentir a beleza do lugar onde mora, identificar e refletir sobre seus problemas, para entender como estes influenciam em suas vidas e conseqüentemente possam agir localmente para mudar a situação de passividade em que se encontra a população congonghense.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral:

Proporcionar aos alunos uma releitura ambiental crítica do lugar em que moram de tal forma que possam redescobrir o bairro, numa dimensão mais ampla e lutar pela sua preservação.

Objetivos específicos:

- Conhecer e refletir sobre a relação dos alunos com o bairro e a cidade onde moram;
- Identificar os lugares que os alunos gostam de frequentar no bairro Basílica e/ou na cidade de Congonhas;
- Promover o contato dos alunos com a natureza para aprofundar sua relação com o local, sensibilizando-os para a importância de preservação e cuidado com o bairro, a cidade, patrimônio ambiental;

2.3 Justificativa

Atualmente com a vida artificial e mecanizada na cidade as pessoas tem pouco tempo para refletir sobre as mudanças ocorridas em seu dia-a-dia. Para obter satisfação aos desejos de consumo, os recursos naturais são transformados em simples objetos de uso sem se dar conta de que no processo de transformação as degradações ambientais estão cada vez mais presentes.

Por isso é necessário e urgente promover a aproximação, a interação e despertar o sentimento da criança pela natureza e pelo lugar onde mora para que comece a se interessar e cuidar é preciso promover um contato mais profundo, pois manter a conexão com os acontecimentos em vários lugares muda também a relação com eles.

“O contato direto com o ambiente (experiência) desperta nas pessoas a percepção da degradação ambiental e da posição do homem como ator principal neste cenário (questionamento). Essa reflexão inspira a mudança de atitudes no cotidiano, resultando na conservação do ambiente”. (NAESS, 1999).

Pensando um pouco além, Boff afirma que mais do que ter contato com a natureza é preciso aflorar o sentimento, é sensibilizar as pessoas para a necessidade de preservação através da aproximação, do contato e da sensibilidade para o belo:

(...) tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à

grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido. Esse sentimento profundo se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente. (BOFF, 1999).

Sendo assim, neste projeto a proposta é tirar os alunos da sala de aula e levá-los a aproximarem-se da natureza local para despertar o gosto pelo ambiente, aprender o prazer ao respirar o ar com cheiro de mato, a se surpreender com uma nascente, a sentir veneração pela força da água em uma cachoeira, ou em um moinho, a entender como o ambiente fornece tudo que precisamos e que para usufruir disso não precisamos de destruir, que podemos preservar.

Na conferência de Tbilisi, na Geórgia, ocorrida em 1977 e considerada um dos maiores marcos referenciais em Educação Ambiental do planeta, dentre as várias recomendações, explicita que a Educação Ambiental necessita de certas atividades que possam preencher as lacunas ainda existentes, apesar de exitosas iniciativas, nos sistemas de ensino. O que nos fez pensar na criação de um blog, que possa contar as experiências vividas por nós e alertar outras pessoas sobre os perigos que ameaçam nosso bairro, nossos lugares, nossa cidade, além de ser um produto em sintonia com tempos tão informatizados.

Por outro lado, é possível afirmar que nas escolas municipais de Congonhas, as questões ambientais são trabalhadas nas séries iniciais junto com aspectos sociais como saúde, qualidade de vida, lixo, reciclagem. É comum, também, ver a Educação Ambiental atrelada a projetos que chegam às escolas por iniciativa de empresas mineradoras da região, idealizados por um grupo de consultores externos à comunidade e que não atendem às demandas do bairro em que a escola está inserida. Por isso, constata-se que esses programas não favorecem a mudança de atitude pessoal e coletiva em relação ao meio ambiente.

De acordo com Meyer (2011, p. 6), “muitas atividades realizadas na escola não são realmente educativas, pois são superficiais, sem continuidade, contexto e significado”. Por exemplo, podemos citar as atividades desenvolvidas com o tema lixo. A maioria das atividades limita-se à coleta seletiva e, paradoxalmente, a cidade não a adotou. As atividades executadas na escola não são compatíveis com a realidade vivida. Existem conceitos e atitudes que desvalorizam os espaços públicos, como se eles não fossem de todos ou não fossem de responsabilidade de cada um. O desconhecimento da realidade do bairro faz com que, muitas vezes,

práticas educativas não promovam a mudança de hábitos, tão necessária nos dias atuais.

Por isso este tema se justifica: dada a necessidade de se ter como ponto de partida para este trabalho acadêmico a oportunidade de promover uma educação ambiental através do exercício do olhar, do ver para conhecer a realidade local, de conhecer para gostar, de buscar profundos sentimentos e para agir e cuidar.

Além disso, como moradora do bairro Basílica e educadora, sinto a necessidade de propor caminhos, oferecer pistas, realizar atividades e experimentos que desencadeiem processos de percepção que estimulem a conscientização e as mudanças.

Partindo então da idéia de que para preservar é necessário proporcionar aos alunos práticas educativas e ambientais contextualizadas com o lugar onde se vive, a metodologia utilizada privilegiou o lúdico, a brincadeira partindo de conversas do mundo infantil. O registro através de desenhos e relatos também foram importantes, para estruturar o conhecimento adquirido.

E ainda, como afirma Meyer (2011, p.8) de que é preciso ir além, aproximando-os da natureza, dos lugares que estão próximos; é preciso buscar estímulo para as percepções, para os sentimentos e possibilitar a aprendizagem do olhar.

2.4. Descrição da metodologia

O mapeamento ambiental serviu como referência metodológica neste projeto. Segundo MEYER (1991, p.43), o mapeamento consiste em um levantamento da situação ambiental do bairro e da cidade em seus múltiplos aspectos. Com o foco no público infantil e escolar a opção foi inventariar os lugares que as crianças brincam. Em particular a pesquisa foi realizada com alunos da Escola Municipal José Cardoso Osório, cursistas do quarto ano do ensino fundamental. Para conhecê-los melhor e identificar esses lugares, várias estratégias foram usadas, como rodas de conversas, pesquisas, entrevistas, visitas domiciliares e alguns passeios de campo. Este processo foi documentado através de registros fotográficos, desenhos e relatórios construídos no grupo.

A coleta de dados, registros, seleção de material, organização, análise e registros foram instrumentos importantes para se fazer a releitura da cidade e construção do produto final, o blog do Cardoso.

O trabalho iniciou com uma roda de conversa, bem propícia à faixa etária. Momento especial em que as crianças podem se expressar livremente e fazer emergir o sentimento e a relação que elas estabelecem com a casa em que moram. Essa expressão possibilita um diagnóstico e uma escuta do universo infantil e principalmente uma identificação dos locais frequentados nas horas de lazer e que relação elas estabelecem com Congonhas, cidade onde nasceram e vivem.

Foi surpreendente saber que os alunos ao descreverem os lugares preferidos para brincar, nomeiam apenas a casa e a escola. Em outras palavras, essas crianças têm seus espaços de lazer muito restritos, sem perspectiva de brincadeiras em locais mais amplos, como as áreas públicas destinadas ao lazer. Para completar os brinquedos mais usados corresponde o videogame, as bonecas e outros jogos individuais. Isso revela que os alunos não se apropriam dos espaços da cidade para se divertir. O uso recente de jogos eletrônicos como o vídeo-game não possibilita a brincadeira em grupo, o jogo coletivo, dinâmico tão comum em tempos passados.

A questão que emergiu como problema foi: como trabalhar a educação ambiental com os alunos a partir dos lugares de lazer, se esses lugares estão restritos ou eles não conhecem a cidade onde nasceram ?

A conversa desenvolveu e revelou a necessidade de mostrar aos alunos lugares da cidade com muitas outras possibilidades de lazer e mais abrangentes. Desta forma, planejar e fazer algumas visitas se tornou uma estratégia para oferecer um conhecimento mais amplo de Congonhas e ao mesmo tempo momentos de intensa alegria e interação.

Após a roda de conversa o passo seguinte foi provocar situações com atividades descritivas para os alunos conhecerem a cidade mais profundamente através de um novo olhar. Assim, foi solicitado que eles desenhassem com detalhes seus espaços preferidos. Se o lugar escolhido fosse a casa, deveriam descrevê-las situando-a dentro do bairro e da cidade e com maior riqueza de detalhes. A representação revelou significados e detalhes que estavam guardados na memória e despertou o interesse de todo o grupo. A casa e o quarto identificados como lugar de intimidade, preferidos para brincar sozinhos, livres do olhar adulto, mas ao mesmo tempo, lugar de pouco espaço onde as atividades são predominantemente sedentárias. É por isso

que as crianças de hoje tem pouca resistência física, mal conseguem pular uma corda, ou amarelinha ou correr por um campo de futebol por mais tempo.



No passo seguinte, os alunos fizeram uma pesquisa com os pais para saber onde e como brincavam antigamente. O relato das histórias das brincadeiras familiares permitiu que os alunos percebessem as transformações e diferenças no jeito e lugares de brincar. Os pais tiveram na infância uma maior intimidade com a natureza e com o

bairro, em particular com a rua e o quintal. Os pais relataram os mais diversos lugares do bairro e da cidade, como praças, campinhos, fazendas e até a casa, mas sempre os quintais e outros lugares externos a casa. Não houve nenhum pai que se lembrou da escola como espaço de lazer ou mesmo o quarto. Além disso, outra diferença foi percebida: as brincadeiras eram sempre com muito movimento e em grupo.



Socialização e comparação dos desenhos dos alunos e dos pais para a percepção das transformações ocorridas nos espaços de lazer.

Após a entrevista com os pais, nova questão: Por que antigamente as brincadeiras aconteciam em diferentes lugares da cidade e hoje as crianças só brincam em casa ou na escola?

O terceiro momento do projeto consistiu no levantamento das hipóteses e a realização das entrevistas. A entrevista foi com a mãe da aluna Helena, a Sônia, que foi escolhida por trabalhar na escola como vigia, já ter proximidade com os alunos e

ser moradora antiga do bairro. A atividade aconteceu na sala de aula e a mãe foi convidada a contar sobre suas brincadeiras e explicar o que mudou na cidade que pudesse justificar tal transformação. Através deste procedimento os alunos entenderam que a cidade cresceu, o número de pessoas aumentou e com isso o número de carros, de violência e insegurança também cresceu. Por isso, os pais mantêm seus filhos em casa e não proporcionam momentos de lazer ao ar livre. Além disso, os espaços do bairro antes utilizados pelas crianças sofreram transformações ou deixaram de ter aquela utilização.

Constatamos a necessidade de criar situações para que os alunos conhecessem outros pontos da cidade. A seleção de alguns lugares para visita pública abriu novas percepções.

Escolhemos os pontos de referência do bairro, como as praças incluindo a Praça da Basílica, ponto turístico da cidade, a Romaria, sítio, o Parque Ecológico da Cachoeira e o campinho da Chacrinha. A escolha aconteceu na sala, durante uma conversa com os alunos e a outra professora da turma, Márcia Assis, buscando acordar os espaços citados pelas crianças, pelos pais durante a pesquisa inicial e professoras. As alternativas foram selecionadas visando atingir o objetivo das visitas onde as crianças pudessem interagir com o lugar e ao mesmo tempo estabelecer relação de afeto, de prazer com alguns locais próximos. E para isso não poderíamos escolher qualquer lugar, mas sim lugares significativos na busca da interação entre as crianças e a natureza.

Foi assim que aconteceu o terceiro momento do projeto, as visitas. Os alunos foram orientados a perceber as belezas de cada lugar, ouviram relatos sobre as transformações sofridas com o tempo ou viram as degradações presentes. As visitas em locais externos à escola como praças, parque, sítio e campinho permitiram aos alunos entender a necessidade do cuidado a partir dos significados que possuem em suas vidas, de momentos guardados na memória que em sua maioria são de intensa alegria.

A primeira aconteceu na segunda quinzena de junho no Recanto do Clemente. Este sítio, próximo à escola, é residência de um dos alunos e por isso foi uma sugestão da turma. E como muitas vezes precisamos parar de olhar para longe e valorizar o que está perto, pensamos ser uma maneira proveitosa de dar importância aos nossos meninos. Por isso começamos o passeio com uma caminhada por algumas ruas do bairro, atravessando a praça principal até uma

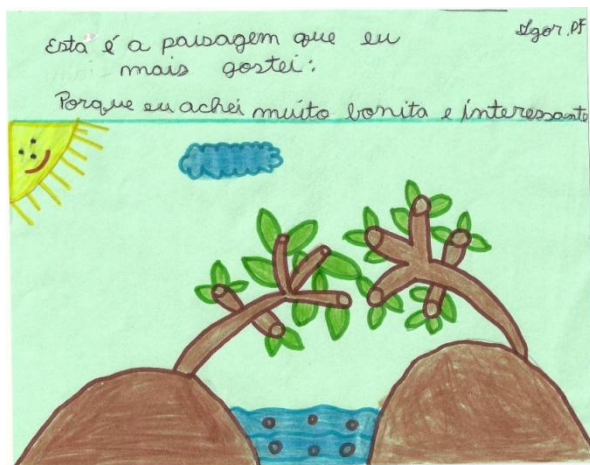
pequena estrada de terra. No caminho paramos para fazer várias observações incluindo na praça próxima a escola. No Recanto os alunos percorreram trilhas pela mata, viram e beberam água de uma nascente (ficaram encantados em observar um fiozinho de água brotar), conheceram o moinho de milho que produz o fubá, observaram a planta Congonha que deu nome à cidade e perceberam as várias tonalidades de rochas. Além disso, puderam fazer um delicioso piquenique embaixo de uma frondosa árvore e brincar ao ar livre de gangorra, balanço e pique-pega. Interessante ressaltar que a vida moderna nos trouxe muitas facilidades e confortos, mas nos roubou qualidade, agregada a muitas doenças. As crianças desse novo século são confinadas entre quatro paredes, não se movem, não adquirem destreza para utilizar habilidades, como pular, correr, subir em árvores. A criança que brinca parece ser mais feliz e se relaciona melhor.

Infelizmente eu não sabia que por ser uma época de seca os carrapatos estavam nas folhas e alguns alunos ficaram infestados. O dono da casa nos ajudou, levando alguns alunos em casa para um banho, o que gerou necessidade de maiores explicações aos pais, dadas pelo setor administrativo da escola. Relembro esta passagem para evidenciar o quanto é necessário se ter uma equipe pedagógica que caminhe lado a lado com o professor apoiando e incentivando o trabalho, principalmente, quando as atividades são extra-classe. E mais ainda, como perdemos a capacidade de ler a natureza, afastando do mundo natural. Antigamente todos sabiam onde e quando aparecia o carrapato e como evitá-lo. Transtorno faz parte, risco também, importante foi repensar os passeios planejando-os com maior antecedência e prevendo possíveis adversidades.

De volta à sala, nova oportunidade de aprofundar os assuntos através de perguntas sobre a formação do riacho, a importância da mata para uma nascente e a força da água no moinho. Além disso, o entusiasmo dos alunos enchia a sala com relatos eufóricos do prazer em estar naquele lugar. Muitas aprendizagens sobre o ambiente, a relação do homem com a natureza e sua preservação foram alcançadas, com grande facilidade. Muito diferente das aulas que comumente são dadas sobre água e sua utilização, formação do rio e mata ciliar. Ficou evidente a necessidade de proporcionar aulas em loco quando se trata de Ciências, pois muitas vezes a aula ministrada com discursos, fotos e outros recursos não são suficientes para o entendimento se não tiver uma vivência com a natureza. Recentemente, em

uma entrevista à Revista Nova Escola, Esteban Levin, psicólogo e professor de Educação Física, disse o seguinte:

“O corpo e os gestos são fundamentais para a formação geral do ser humano. Desde que nasce a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e descobrir o mundo. Essas descobertas feitas com o corpo deixam marcas, são aprendizados efetivos, incorporados. Na verdade, são tesouros que guardamos e usamos como referência quando precisamos ser criativos em nossa profissão e resolver problemas cotidianos. Os movimentos são saberes que adquirimos sem saber, mas que também ficam à nossa disposição para serem colocados em uso.” (Levin, 2005)



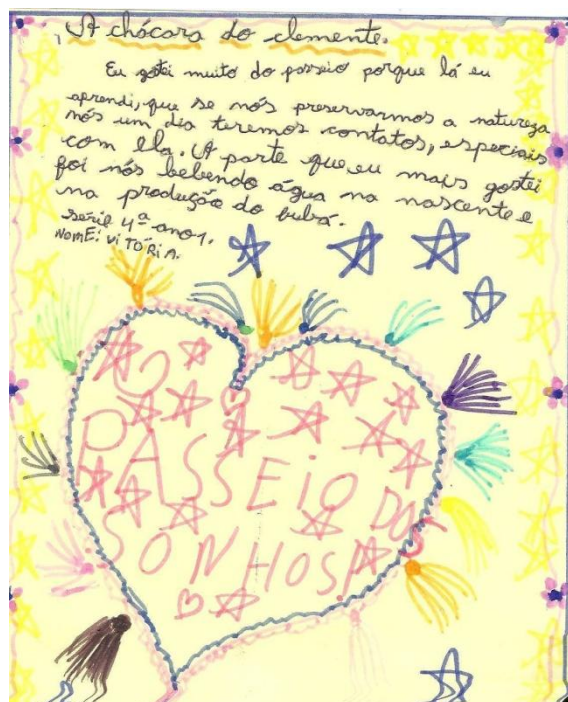
Desenho do Igor (10anos) mostrando um modelo de riacho e mata ciliar. Ele traduz a importância da vegetação para as nascentes.

Um recurso importante adotado foi o registro fotográfico. A visualização das fotos permitiu momentos de observação e contemplação de detalhes despercebidos durante as visitas.



No Sítio do Clemente, os alunos puderam caminhar pela trilha até a nascente.

Interessante a alegria dos alunos! Como só aprendemos o que queremos e o querer é livre, esse passeio trouxe a vontade de interagir com a natureza, de sentir-se parte dela. A criançada sentiu-se livre e a aprendizagem pode realmente acontecer de forma significativa.



Relato da aluna Vitória com as impressões sobre o passeio.

Na coleção Educação para Todos, lançado pelo Ministério da Educação e Unesco, em 2004, fala-se que a Educação Ambiental, apesar de não precisar constar como uma disciplina no currículo das escolas, pode “coexistir como estágios em um processo continuado, ou muitas vezes optando por um deles, ou, ainda, conferindo preponderâncias e pesos diferenciados a cada um deles”. Trata-se de:

- Educação sobre o ambiente – **informativa**, com enfoque na aquisição de conhecimentos curriculares, em que o Meio Ambiente se torna um objeto de aprendizado. Apesar do conhecimento ser importante para uma leitura crítica da realidade e para buscar formas concretas de atuação sobre os problemas ambientais, ele **isolado não basta**;

- Educação no Meio Ambiente – **vivencial e naturalizante**, em que se propicia o contato com a natureza ou com passeio no entorno da escola como contextos para a aprendizagem ambiental. Com passeios, observação da natureza, esportes ao ar livre, ecoturismo, o Meio Ambiente oferece vivências experimentais, tornando-se um **meio** de aprendizagem;

- Educação para o ambiente – **construtivista**, busca engajar ativamente por meio de projetos de intervenção socioambiental que previnam problemas ambientais. Muitas vezes traz uma visão crítica dos processos históricos de construção da sociedade ocidental e o Meio Ambiente se torna uma **meta** do aprendizado.

Podemos acrescentar mais uma preposição, uma quarta modalidade aparece como Educação **a partir** do Meio Ambiente, que considera, além das demais incluídas, os saberes tradicionais, as interdependências das sociedades humanas e da economia; a simultaneidade dos impactos nos âmbitos local e global; uma revisão dos valores, ética, atitudes e responsabilidades individuais e coletivas; a participação e a cooperação, pensamento altruísta que considera a diversidade dos seres vivos; os territórios com sua capacidade de suporte; a melhoria da qualidade de vida

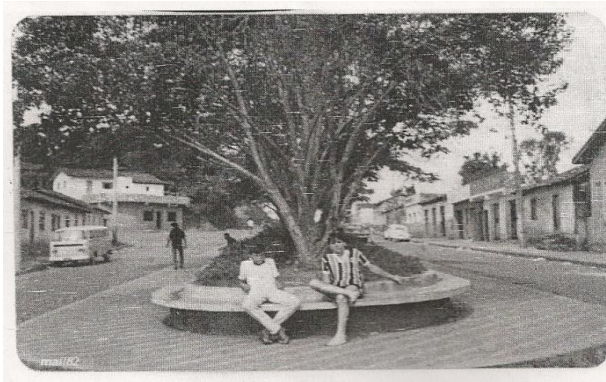
ambiental das presentes e futuras gerações, e os princípios da incerteza da precaução.

Essa formação, mantendo o proposto, ainda está muito longe do que temos hoje principalmente nas escolas públicas, pois o ensino oferecido enfoca uma educação informativa. O modelo que comumente é seguido nas escolas ainda é o de ensinar em um recinto fechado e com currículo formal. Pouco se tem explorado atividades em que o aluno vá além da memorização. As mudanças na educação ainda não romperam com o tradicional ensino de conteúdo, descontextualizado, onde, muitas vezes, o aluno fica em silêncio, mas não aprende. Se a vida desperta tanto interesse no aprendiz, por que não levá-lo a observar, experimentar, fazer e utilizar o que aprender em sua trajetória? Os passeios cumprem muito bem este propósito.

O segundo passeio aconteceu na praça do bairro. A praça foi escolhida por ter sido muito citada como lugar de lazer pelos pais. O objetivo principal consistia em resgatar a importância desse espaço público para a comunidade. Esta visita apesar de ter sido rápida, pois a escola está localizada bem próxima, possibilitou o ponto de partida para a re-construção da história do bairro. Os alunos entenderam neste momento que a praça só existe no nome, pois no local só há uma avenida larga, com comércio em sua volta.

Após a visita, um funcionário da escola, morador da praça e antigo comerciante, levou algumas fotos para apreciação dos alunos e contou em um bate papo como era aquele lugar o que se fazia por lá e qual a importância para os moradores.

A fotografia é um importante documento da história, pois retrata o lugar e permite o resgate da ocupação e apropriação do espaço por diferentes pessoas em diferentes espaços de tempo. No entanto, buscar registros fotográficos da praça na década de 70 a 90 foi uma tarefa muito difícil. A procura foi realizada nos museus da cidade, no arquivo da prefeitura e com várias famílias. Fizemos uma grande mobilização para conseguir as fotos.



Praça Bandeirantes, 1981 e 2012.

Mais adiante visitamos a Praça da Basílica, a Romaria e a Alameda das Palmeiras, cartões postais de Congonhas, com o objetivo principal de promover a observação atenta aos detalhes e redescobrir a história da construção de todo o conjunto numa perspectiva mais abrangente, artística e histórica. Os alunos observaram os elementos naturais, aproveitaram o lugar mais famoso da cidade e ouviram a história de todo o conjunto do Santuário de Bom Jesus do Matozinhos pelo famoso escultor Luciomar. Dialoguei com os alunos a ideia de como a natureza e os elementos culturais se integram formando a paisagem. Refletimos sobre a polêmica da cidade que trata da destruição das serras que complementam a paisagem local. Um momento interessante deste passeio foi o surgimento de um mico que passeava por entre as árvores da Alameda das Palmeiras, rua de acesso a Romaria, importante centro de lazer e cultura da cidade. Aproveitei a oportunidade para refletir com os alunos os motivos que fazem animais selvagens aparecerem em ambientes urbanos, ou seja, a invasão do homem ao seu *habitat*.

A visita mais esperada e comemorada como conquista – o Parque da Cachoeira, veio recheada de muita expectativa e entraves burocráticos. A Secretaria Municipal de Educação (SME), com o argumento de que pretendia organizar e ajudar no planejamento de atividades educativas no âmbito ambiental dificultou sua realização. Depois de vários ofícios para diversas instâncias administrativas realizarmos o tão sonhado passeio.

Começamos o passeio ao Parque Ecológico contemplando uma árvore muito frondosa, cujo nome fizemos uma pequena investigação com o jardineiro para saber que se tratava da Magnólia. Em seguida, as crianças observaram uma pequena parte da Mata Atlântica, ainda preservada, e a cachoeira. Um bate papo rápido

sobre animais silvestres e domesticados aconteceu devido ao fato do funcionário responsável pelo parque mostrar aos alunos uma cobra da espécie jararaca que tinha sido encontrada naquele dia por lá. As crianças viram também parte degradada da Serra Casa de Pedra que sofre com a mineração e divertiram muito com brinquedos antigos (do parquinho de madeiras) e modernos (quadras e *playground*). Refletimos também, acerca das mudanças no ambiente com as atividades humanas. Esse momento foi muito rico para discussão crítica em relação às atividades econômicas exercidas no município, o assoreamento do rio Santo Antônio e a degradação da Serra. O objetivo de exercitar o pensamento crítico, fazendo-os perceber que todos somos responsáveis pelo ambiente e de que não podemos ignorar as mudanças sem tomar decisões.

Na última saída da escola fomos ao campinho da Chacrinha, localizado no bairro vizinho à escola. O campinho é um imenso espaço usado para jogar bola, andar de bicicleta e soltar papagaio, de propriedade da igreja católica, mas com projetos de torná-lo um local de estacionamentos para ônibus e carros durante a festa do Jubileu, realizada anualmente, em setembro. Em seu entorno há um grande espaço natural com árvores centenárias, nascentes e cascatas. Lugar recheado de memórias da maioria das pessoas que moram no bairro e moravam quando crianças. Nessa visita envolvemos outra funcionária da escola, a bibliotecária Terezinha. O campo está rodeado pela mata com árvores de grande porte, centenárias e espécies muito conhecidas da flora local. Durante o passeio Terezinha nomeou várias espécies de plantas falando de sua utilidade e características. Explicou como se fazia antigamente colchão, travesseiro, chás e até aromas com tais plantas. Contou muito sobre sua infância naquele lugar. Contemplou com os alunos árvores como o Eucalipto. Os alunos novamente caminharam pelo mato, em trilhas, subiram barrancos, viram o córrego e puderam apreciar a paisagem da igreja e das montanhas por novos ângulos. Finalmente puderam brincar com brinquedos artesanais no campo. Ficamos todos impressionados com a quantidade de crianças que vieram se juntar a turma nas brincadeiras. A escolha por este lugar foi minha, porque como morei durante muitos anos atrás deste campo, já presenciei várias tentativas de transformação deste lugar para abertura de ruas, loteamentos e até estacionamento, mas entendo que por sua diversidade de flora, por ter nascentes e por ser tão vivo na memória da população do bairro precisa ser preservado e resignificado.



Após todas essas visitas estávamos prontos para confeccionar o produto final deste projeto: O blog do Cardoso.

3. PRODUTO PEDAGÓGICO

O produto pedagógico deste projeto consistiu em criar com os alunos um blog com o material coletado, o relato das visitas, as fotos e desenhos. Além disso, publicar impressões das crianças sobre os lugares visitados do bairro e cidade, com a possibilidade que leitores do blog (pais, outros alunos da escola e equipe pedagógica) pudessem deixar comentários para a interação com a turma.

A criação do blog aconteceu em parceria com a professora Márcia Maria Assis Fernandes, professora de Português e História da turma e da monitora pedagógica do Portal Aprende Brasil, Vânia. O endereço eletrônico é blog.aprendebrasil.com.br/cardosoosorio. O blog vem sendo atualizado semanalmente, nos horários determinados para uso da turma acrescentado de *post* dos trabalhos desenvolvidos pela professora Márcia na área de Educação Patrimonial.

No blog publicamos impressões das crianças sobre as brincadeiras antigas, a liberdade dos pais para explorar o bairro e a cidade, as obras e histórias do nosso lugar. Ele foi confeccionado após o registro fotográfico, realizado durante as visitas pela cidade. As crianças foram muito participativas, formulando questões (“... é preciso ter aprendido muitas coisas para saber perguntar o que não se sabe”. Jean Jacques Rousseau) e opinando sobre as visitas o que enriqueceu e facilitou muito a finalização desse projeto. Segundo Coscarelli e Novais

O ambiente digital para as práticas escolares significa oferecer aos alunos um mundo que faz sentido para eles. Eles precisam conhecer melhor esse universo, apropriar-se de suas ferramentas e constituir-se como cidadãos no ambiente digital assim como nos não digitais.

Nessa visão, não só planejamos a aprendizagem de conteúdos — que foi trabalhado através do projeto interdisciplinar, mas, também, o aprendizado através da experimentação, dos acertos e erros, da promoção e desenvolvimento de habilidades metacognitivas como aprender a escrever um comentário e buscar informações (de como se cria um blog).

Ainda convém ressaltar, a apropriação dos espaços tecnológicos da escola pelos alunos e professores contribuindo para a inserção da informatização. Se faz necessário dizer que o profissional da área de informática, que faz parte da

comunidade escolar, nos auxiliou muito na criação e manutenção do blog, a interação com outros professores também fez-se objetivo, não planejado, mas realizado.

Em nossa escola existem muitas dificuldades e pouca disposição para utilização do Laboratório de Informática e o blog foi uma motivação extra, para alunos e profissionais.

Esta escolha privilegiou um recurso muito estimulante e atraente para o público alvo, ativando as percepções e ao mesmo tempo firmando as aprendizagens de temas ambientais que eventualmente não foram assimiladas durante o processo.

Portanto, o produto pedagógico deixou em evidência a proposta deste projeto. Essa atividade simples, objetiva e de baixo custo, aplicável aos alunos de 9 anos resultou em uma aprendizagem significativa, no desenvolvimento da capacidade de olhar o lugar onde se vive, na ampliação de uma relação mais profunda, mais dialógica com a natureza abrindo possibilidades para o cuidado e a reflexão sobre os problemas ambientais em nossa querida Congonhas.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há, pelo menos, duas dimensões da escola que são exploradas nesta pesquisa. Uma demonstra que através de atividades interativas, a escola pode trabalhar a educação ambiental de forma vivencial e construtivista, deixando de ser mero executor de atividades isoladas atendendo apenas aos objetivos da iniciativa privada. A segunda é a de que, como um espaço social que interage com seu entorno, a escola pode ampliar suas possibilidades de atuação na comunidade onde está inserida com novos olhares. Ela pode e deve dialogar com a comunidade e ampliar as possibilidades educativas além dos muros da escola.

Além disso, o aspecto mais interessante são as parcerias bem sucedidas que tornaram o processo ensino-aprendizagem mais prazeroso e significativo para a comunidade escolar, pois a escola como espaço social deve, também, ser o “lugar” da liberdade e da crítica social.

Nesse sentido, é possível pensar em projetos na área de Educação Ambiental com planejamento de atividades totalmente voltadas para a área de interesse das crianças e para o estreitamento dos laços afetivos com a natureza. Há que se resgatar as vivências e experiências em lugares próximos, naturais ou humanizados, que possibilitem um despertar da noção de pertencimento, início do cuidado e da preservação. Preservação que advém do sentimento de que somos parte integrante de um complexo ambiente, sempre em transformação.

De acordo com Meyer (2011, pag.5). “o corpo tem que ter vivências para aprender sobre a natureza”.

O presente projeto praticou o exercício do olhar, conhecer e participar para mudar, para aprender a lutar por uma cidade que desejamos e sonhamos. Sem conhecer, ninguém ama nem luta. Uma educação contextualizada e inserida no cotidiano da cidade!

5. REFERÊNCIAS

ADAMS, Berenice Gehlen. **Planejamento Ambiental para Professores da Pré-Escola a Terceira Série do Primeiro Grau**. Novo Hamburgo: Editora Gráfica Ottomit, 1997.

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. Campinas, SP: Papyrus: Speculum, 1999.

BERNA, Vilmar. **Ecologia para Ler, Pensar e Agir: Ética e EA para Todas as Idades**. São Paulo: Paulus, 1994.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa; **Letramento digital**. In: *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: editora Dimensão, v.18. n. 103: Jan./fev 2012, p.68-72.

CPFL. **Conferência de Tbilisi**. Acessado em 19 de fevereiro de 2012 em: <http://www.aleph.com.br/sciarts/cpfl/CPFL%2520-%2520Tbilisimeio.htmwww.ine.pt>

GENTILI, Paola. ESTEBAN LEVIN **O corpo ajuda o aluno a aprender**. Revista Nova Escola, publicada em fevereiro de 2005; Acessado em 14 de julho de 2012. Escola.<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica>.

HOJE EM DIA. **Editorial: Congonhas pede socorro**. Postado em 10/09/2010, acessado em 18/02/2012, em <http://www.hojeemdia.com.br/colunas-artigos-e-blogs/blog>.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: editora da Unicamp, 1990.

MEC PRONEA/ **Programa Nacional de Educação Ambiental**, acessado em 10 de maio de 2012. <http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/pnea.shtm>

MEYER, Mônica. **Educação ambiental: uma proposta pedagógica**. In: Em aberto. Brasília: INEP, v.1 n.49, jan/mar 1991.

MEYER, Mônica. **Ser-tão natureza – a natureza em Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008, p. 71-120.

MEYER, Mônica. **O corpo tem que ter vivências para aprender sobre a natureza**. In: Presença Pedagógica. Belo Horizonte: editora Dimensão, (7): 98 Marc/abr 2011, p.5-11.

NAESS, A. In: BARBOSA, Mariana. "**De bem com a natureza**". Superinteressante, São Paulo: 1999.

PROGRAMA VALE AMBIENTE. **Manual de atividades didáticas em educação ambiental**. Alternativa, Belo Horizonte, 2004.

TELES, Jorge Luiz, Mendonça, Patrícia Ramos. **Educação na diversidade : experiências de formação continuada de professores**. Brasília : Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. 196 p.: il. – (Coleção Educação para Todos, Série Avaliação ; n. 7, v. 24). pág. 163.